



REVISTA DE HISTÓRIA

TEMA: MEIO AMBIENTE

O Lixão à Céu Aberto de Óbidos



ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROF. MAURÍCIO HAMOY

DIRETOR: Daniel Menezes Bentes

VICE-DIRETORA: Maria Gracilda de Azevedo S. Bernardo

COMPONENTE CURRICULAR: História Geral

PROFESSOR: Marcio Rubens da Silva Gomes

TURMA: 105 MANHÃ / 2025

Editorial

O lixão de Óbidos não é apenas um amontoado de resíduos. É, sobretudo, um retrato cruel do abandono humano, social e ambiental. Transformado em uma ferida aberta no coração da cidade, ele denuncia diariamente a ausência de políticas públicas eficazes e o descaso histórico com a dignidade das pessoas e com a preservação do meio ambiente.

Não é possível naturalizar a cena de homens, mulheres e até crianças revirando sacos de lixo para sobreviver, sem equipamentos de proteção, expostos a riscos invisíveis e a doenças graves. O sofrimento estampado em cada rosto que ali luta pela vida precisa ser visto como um grito de alerta, e não como uma realidade “normalizada”.

O impacto não se restringe às famílias que vivem e trabalham no entorno. O mau cheiro, a fumaça, o chorume e a contaminação se espalham, atingindo bairros inteiros, ameaçando rios, igarapés e, inevitavelmente, a saúde de toda a população. Ignorar essa situação é fechar os olhos para um problema que já ultrapassou o limite do suportável.

A cidade que carrega o título de “Sentinela da Amazônia” não pode conviver com a vergonha de ser lembrada também como a cidade do lixão. É urgente substituir esse espaço por um aterro sanitário adequado, cumprir o que determina a Política Nacional de Resíduos Sólidos e, acima de tudo, oferecer alternativas de trabalho digno aos catadores, garantindo direitos, renda e respeito.

Óbidos merece respirar ar puro, beber água limpa e oferecer dignidade a todos os seus cidadãos. O futuro depende das escolhas feitas hoje. Transformar o lixão em símbolo de esperança e não de dor é um dever coletivo. E não há mais tempo a perder.

José Dinanci Costa Cerdeira
Licenciatura Plena em Filosofia

O Lixão à Céu Aberto de Óbidos

A turma, do ano 2025, de primeiro ano, 105, da Escola Estadual de Ensino Médio Maurício Hamoy, decidiu escrever sobre um tema que infelizmente faz parte da vida de todos nós, mas que muitas vezes é tratado com silêncio ou esquecimento: *O Lixão à Céu Aberto de Óbidos*.

Esse lugar, que deveria ser apenas um depósito temporário, é na verdade um espaço de sofrimento humano, de agressão ao meio ambiente e de descaso com a nossa cidade e com os cidadãos e que se transformou em um relato vivo do abandono.

Ali o lixo não é apenas lixo. É também a marca de uma ferida social e ambiental que sangra todos os dias, diante dos olhos de quem passa e respira aquele ar carregado de fumaça e descaso. A dor se revela em cada detalhe: nas montanhas de resíduos que crescem sem controle, nos urubus que sobrevoam em busca de alimento, no cheiro sufocante que invade as casas e na visão de pessoas que encontram no lixo sua única fonte de sobrevivência.

Homens, mulheres e até crianças se arriscam descalços, expostos ao sol



escaldante e ao risco invisível das doenças. Cada separar, vender, é uma batalha pela vida. Mas mesmo nesse

cenário de tanta dor, brota a esperança.

Ela aparece na resistência de Maria das Dores uma catadora que, ao falar dos filhos, revela a força de uma mãe que não desiste. Surge também na consciência de jovens, professores, líderes comunitários e cidadãos que acreditam que é possível reverter esse quadro.

A esperança se manifesta no sonho de uma cidade que trate seus resíduos com responsabilidade conforme estabelece a Lei nº 12.350/2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, valorizando seus trabalhadores e cuidando da saúde de sua gente.

O lixão de Óbidos, portanto, é mais do que um depósito de rejeitos: ele é um espelho de nossas falhas, mas também uma oportunidade de mudança. Carrega em si a dor de uma realidade que não pode ser ignorada, mas também a esperança de um futuro em que o lixo deixe de ser sinônimo de sofrimento para se tornar símbolo de transferência e dignidade.



Essa transformação representa a capacidade de mudar a realidade de quem vive do lixo, oferecendo condições mais justas e humanas, e a dignidade surge quando a pessoas deixam de ser vistas como invisíveis para

serem reconhecidas como cidadãos de direitos.

Ao nos aproximarmos do lixão de Óbidos, o coração aperta. O que deveria ser apenas um espaço de destino provisório para resíduos, se tornou uma ferida aberta no coração da cidade. O impacto é imediato: o ar pesado traz consigo o cheiro forte de podridão, misturado a fumaça da queima de restos, que arde nos olhos e sufoca a respiração. Diante de nós, ergue-se uma montanha de lixo a céu aberto, um retrato cruel do abandono humano e ambiental.

É possível não sentir dor diante da cena? Sacolas de plástico rasgadas pelo vento que parecem gritar pedindo socorro, urubus circulam em bandos disputando resto de comida, enquanto moscas e ratos se multiplicam em meio ao caos.

No chão, líquidos escuros e fedidos, os chorumes escorrem lentamente como lágrimas que a terra chora, carregando veneno e destruição.



Mas o que mais choca não é apenas o lixo, são as pessoas: em meio aquele cenário de degradação, homens, mulheres e crianças caminham entre os resíduos, arriscando a saúde e a vida para encontrar algo que possa

garantir o sustento ou o riso de alegria por um item nunca comprado, um brinquedo por exemplo, uma boneca desgastada pelo tempo, mas que recebe o amor e carinho da criança que nunca teve.

O sol castiga, a fumaça sufoca, o perigo é constante. Cada passo é dado sobre restos, cada movimento é uma luta silenciosa pela sobrevivência. E, ainda assim, mesmo diante de tanta dor, existe algo que insiste a resistir: a esperança.

Ela se revela no olhar determinado de uma mãe que cata lixos para alimentar os filhos. Está no esforço dos garis que, mesmo sem o devido reconhecimento,



seguem firmes para manter a cidade respirando.

Vive na coragem da comunidade que não desiste de lutar por dignidade, e no desejo de todos aqueles que acreditam que Óbidos merece mais que um retrato de abandono. O lixão de Óbidos à Céu Aberto é, ao mesmo tempo, dor e esperança. É o reflexo de um problema que fere a todos nós, mas também o ponto de partida para um futuro que ainda pode ser transformado.

O que torna essa cena ainda mais dolorosa é que, em meio a todo o caos e a degradação, há pessoas que vivem e sobrevivem entre o lixo; transformando o que para muitos é desprezo ao sustento; pela forma, pela possibilidade, pelo ambiente, mas, é apenas o que eles possuem.



Homens, mulheres e até crianças caminham diariamente sobre montanhas de resíduos, enfrentando calor, fumaça, mau cheiro e perigos invisíveis. Cada

saco aberto, cada objetivo revirado, é uma aposta com a própria vida.

O sol castiga inclemente a pele, enquanto a fumaça das queimadas improvisadas arde nos olhos e no pulmão, o vento leva consigo odores fortes e penetrantes, e o ar denso dificulta a respiração.

Muitos trabalham sem botas, sem luvas, sem máscaras - apenas com as mãos nuas. Reviram sacos e caixas que escondem vidros quebrados, seringas usadas, metais enferrujados e produtos químicos, enfrentando cortes, ferimentos e contaminações.

Cada gesto é um risco: tétano, hepatite, infecções graves ou intoxicações podem surgir a qualquer momento. Apesar de tudo isso, continuam. Continuam porque precisam. Porque o pouco que conseguem vender: latinhas, plásticos, papelão, alumínio, garante a comida na mesa.



Crianças aprendem a escrever seus nomes, mulheres carregam sacos enormes nas costas, equilibrando-os com habilidade para não perder cada pedaço de sustento, homens transportam objetivos pesados, atravessando terrenos instáveis,

mas devem estar sempre atentos aos perigos.

A vida dessas pessoas é marcada por rotina e sofrimento silencioso. Cada dia no lixão é uma batalha contra a fome, contra as doenças e contra o descaso da sociedade. Mas cada vitória: conseguir vender um quilo de material reciclável, trazer pão para casa, garantir a sobrevivência dos filhos é celebrada como uma conquista heroica.

Nesse cenário de dor, também floresce a força humana, a capacidade de lutar por dignidade em condições quase impossíveis. O lixão de Óbidos, para essas pessoas, não é apenas um espaço de trabalho: é um território de desafios, riscos, esperanças e sobrevivências.

Ele representa a dureza da realidade, mas também a coragem e a determinação de quem transforma o que o mundo



despreza em oportunidade. Entre o lixo, cada gesto é resistência, cada dia é uma batalha, cada pequena vitória é uma prova de que, mesmo nos lugares mais improváveis, a vida insiste em seguir e a dignidade ainda encontra espaço para existir.

No coração de Óbidos, enquanto muitos seguem suas rotinas diárias sem perceber, existe uma população que vive à margem, quase apagada dos olhos da sociedade. São homens, mulheres e crianças que encontram no lixo sua fonte de sustento, mas que, permanece invisível diante do olhar coletivo.

Quando passam pelas ruas carregando seus carrinhos cheios de recicláveis, muitos desviam o olhar, outros atravessam a calçadas e raramente alguém se pergunta: “Quem são eles? O que carregam em seus ombros além do peso do lixo?” Essas pessoas, chamadas muitas vezes de catadores, são tratadas como se fossem nome, números ou história.



Vivem em condições precárias, enfrentam preconceitos e exclusão, mas ainda assim sustentam uma parte essencial do ciclo da cidade: a

reciclagem e o reaproveitamento de matérias que, sem o trabalho deles, se perde totalmente. São trabalhadores que desempenham uma função social importante, mas que permanecem sem reconhecimento, sem política pública consistente e sem dignidade.

As famílias que vivem nas redondezas do lixão carregam uma rotina marcada pela convivência forçada com o sofrimento. O mau cheiro invade as casas como um hóspede indesejado roupas, móveis e até a comida que vai para a mesa.

Muitas mães relatam que, mesmo com as janelas fechadas, a fumaça da queima e o odor do lixo encontram caminhos para dentro dos quartos, fazendo com que as crianças acordem tossindo durante a madrugada.

Em dias de ventos fortes, a sensação é de viver dentro do próprio lixão, como se não houvesse barreira possível contra o descaso. Ainda assim, essas famílias resistem. Plantam pequenas hortas em quintais, mesmo correndo o risco de a

terra estar contaminada; lavam as roupas repetidas vezes para tentar afastar o cheiro persistente; cuidam uns dos outros em meio a hostilidade de um ambiente que deveria ser seguro.

Muitas vezes, sentam-se a porta de casa no fim da tarde para conversar, partilhar dores e rir, quando possível, como forma de esquecer por alguns instantes o fardo pesado da realidade.

São famílias
que
representam a
luta diária pela
sobrevivência e
pela dignidade
em uma cidade
que precisar



urgentemente enxergá-las. Mas é importante lembrar: o problema não fica preso ao bairro onde o lixão está. Ele se espalha. A fumaça alcança bairros distantes. O chorume infiltra no solo e pode chegar aos lenções freáticos, contaminando a água que abastece toda a cidade. Ou seja, todos nós, direta ou indiretamente, somos afetados por esse problema.

A natureza também sofre diariamente. O chorume carrega poluentes químicos e orgânicos, envenenando a terra e atingindo rios e igarapés. O plástico e outros resíduos tóxicos, que demoram centenas de anos para se decompor se espalham pela floresta e pelos rios, sendo ingerido por animais.

Engana-se quem pensa que o lixão prejudica apenas quem mora ao redor. Ele afeta toda a cidade de Óbidos. O vento leva o mau cheiro, a fumaça se espalha, a contaminação da água ameaça a saúde de todos. Além disso a imagem da cidade rica em história e cultura, fica marcada por essa ferida aberta.

Óbidos conhecida como “Sentinela da Amazônia”, não pode carregar o estigma de ser também a cidade do Lixão à Céu Aberto. Ele precisa ser substituído por um

aterro sanitário adequado, onde os resíduos sejam tratados de forma correta e segura.

Mas de acordo com a lei de 2010 tão importante quanto mudar o destino do lixo é mudar a vida das pessoas que hoje sobrevivem dele. Os catadores precisam de alternativas de empregos digno, de apoio social, de segurança.



Os garis precisam ser valorizados, receber melhores condições de trabalho e EPI'S o reconhecimento pelo serviço essencial que prestem. O lixão de Óbidos não é apenas um lugar onde se joga lixo.

Ele é um símbolo da desigualdade, do sofrimento humano e da destruição ambiental. Ele nos mostra todos os dias, o quanto ainda precisamos evoluir como sociedade, mas também, pode ser um ponto de virada, ou seja, um momento decisivo em que podemos transformar essa realidade negativa em oportunidade de mudanças, buscando mais justiça social e o cuidado com o meio ambiente.

Óbidos merece respirar ar limpo, beber água pura e oferecer dignidade a todas as pessoas. O futuro da nossa cidade depende das escolhas que fazemos hoje.

É hora de agir, transformar o sofrimento em esperança significa garantir dignidade e melhores condições de vida para quem sobrevive do lixão. Transformar o lixo em vida significa investir em reciclagem, em políticas públicas e em alternativa de renda sustentável, capazes de gerar trabalho, saúde e bem-estar.

Assim, o problema do lixo deixa de ser apenas uma marca de desigualdade e passa a ser uma oportunidade de mudanças para toda a sociedade.

FIM

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS

DIAGRAMAÇÃO

Marcio Rubens da Silva Gomes

CORREÇÃO

Prof^a. Maria Simone Moreira

FOTOS

João Neto Sousa Rodrigues

ENREDO

Suelen de Siqueira Cerdeira

ALUNOS COLABORADORES

Ana Beatriz da Silva Viana
Christyan Cavalcante Picanço
Emmanuelly Teixeira de Sousa
Lara Tamires Pereira Queiroz
Luan Silva de Oliveira
Luiz Felipe Matos Sampaio
Maria Eduarda Viana de Souza
Michele da Rocha Santos
Renata Fróes Lobato
Rico da Silva Pereira
Suane Victória da Costa Baima
Suelen de Siqueira Cerdeira
Thaynara Silva de Siqueira
Thaysson Ferreira Silva
Vagno Lúcio da Silva Barros
Veronica dos Santos Martins
Vitor Emanuel Silva de Lima
Yago Frota Vasconcelos
Yan David Souza da Silva
Yasmin Barros Picanço
Yasmin Batista Vieira
Yasmin Sofia da Silva Pinto
Ana Beatriz Brito Gameleira
Anderson Müller de Souza Pinheiro